

INTERVENÇÃO

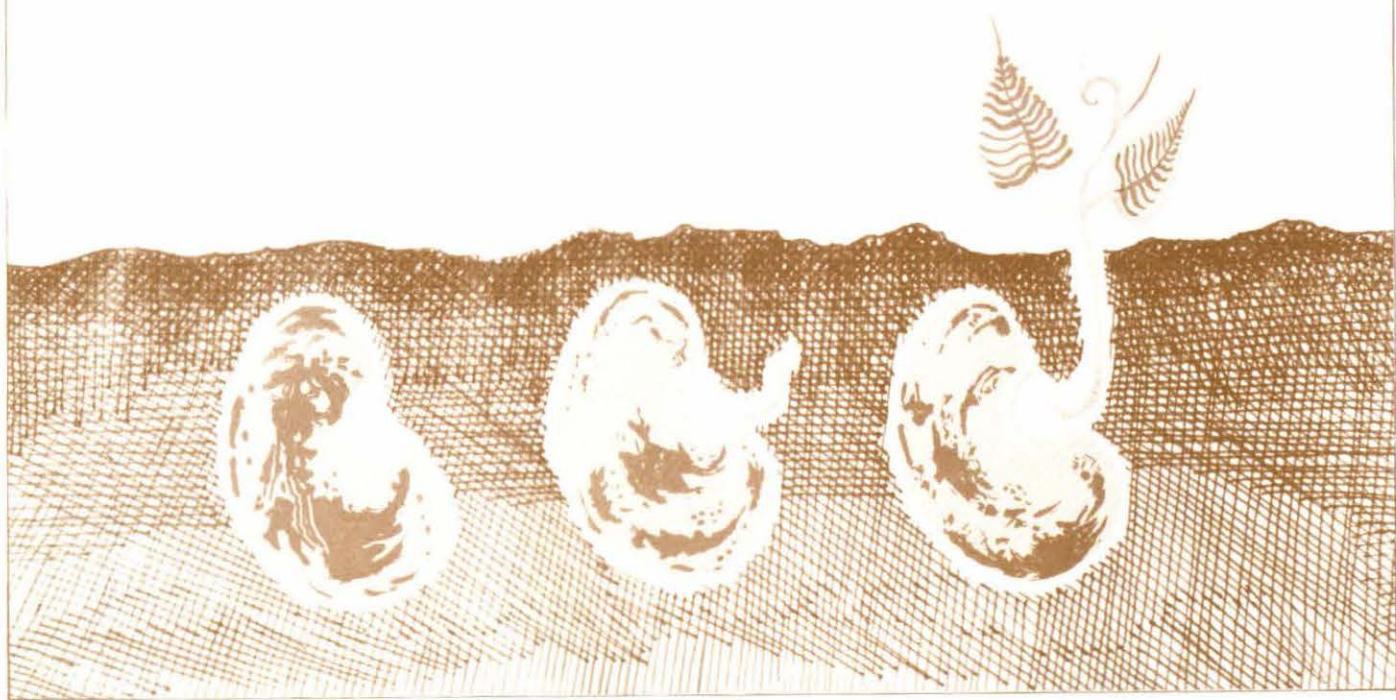
REVISTA DE ANIMAÇÃO
SÓCIO-CULTURAL

n.º 9 2ª série

número especial

Janeiro 1984

Preço: 40\$00





Claro que sabíamos!

Claro que sabímos. Que fens vezes sem conta perguntado
A amigos a conhecidos, no café, na rua, no emprego.
Então é a Intervenção?
Claro que o saberímos mesmo que ninguém nos tivesse dito. Mas houve. Muitas e
muitas vezes.

E é por isso que aqui estamos hoje. Não só porque não há no mundo perguntas sem
resposta, mas, mais do que isso, porque queremos construir contigo a nossa resposta às
perguntas que fazemos.

O ano de 83 foi como sabes um ano difícil para a Intervenção. Interrompida a
publicação após o número de Janeiro não mais foi retomada. Acabado o mandato da
direcção em Setembro, não houve quem a quisesse assumir. Convocou-se por isso uma
reunião alargada de colaboradores e amigos que, pensámos, poderiam dar um apoio
nesta altura difícil. A resposta foi unânime, quase todos os convocados (cerca de 30)
compareceram; alguns que não o fizeram, manifestaram a sua solidariedade com o
processo. Nesta reunião foi aprovado o seu relançamento conjuntamente com a criação
de uma Associação Cooperativa que assumiria a responsabilidade da sua edição
regular. Para concretizar as decisões tomadas, 2 grupos de trabalho foram constituídos:
Um para o relançamento editorial e da Associação Cooperativa, outro para as estru-
tu-
ras organizativas e gestão do património existente.

E é aqui que nos encontramos. O trabalho feito te damos aqui conta. Do futuro, dirás.
Porque agora, como sempre são as tuas perguntas, é o teu empenhamento o capital
único, real e sólido com que contamos. E sobretudo hoje é nisto em que fundamental-
mente apostamos.

E com esta **aposta** amigo, as tuas perguntas, as nossas perguntas só têm uma
resposta. **Nós vamos ganhar**.

Luis Martins

1

Estávamos nos princípios de 77. Militantes políticos, animadores culturais, tra-
balhadores sociais e culturais lançavam-se na busca das raízes do povo
português, no conhecimento de uma
identidade nacional que todos sentiam
fragilizada e na animação sócio-cultural
de populações que se queriam participes
em todo este processo.

Era a "onda" do movimento associativo

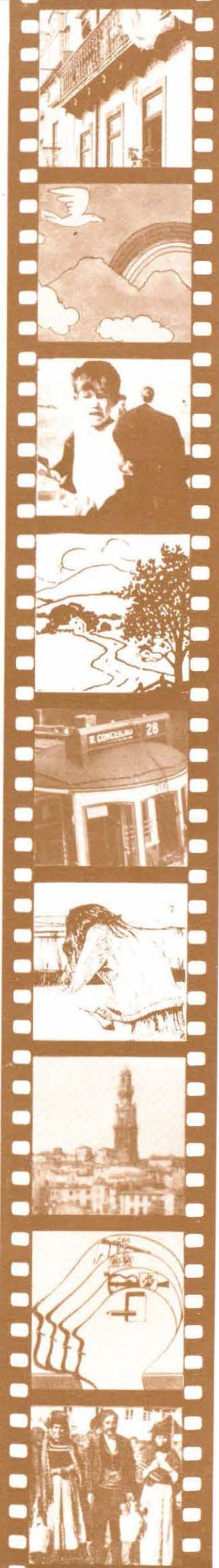
Era a "onda" do movimento associa-
tivo que por todo o país alastrava nos
diversos campos do desporto, da edu-
cação de adultos, da defesa do consumidor
e do património cultural e natural, dos
vários levantamentos etnográficos, da in-
fância e da terceira idade. Fazia-se assim,
no plano sócio-cultural, o contraponto da
construção, do plano político, do cha-
mado Estado de Direito.

É na crista desta "onda" que em Fevereiro surgiu a "Intervenção", "baseada no
trabalho do pequeno grupo que a fundou e
lhe deu existência de certo modo isolado
e sem outros apoios humanos" (n.º 13, p.
43). Um mês depois o movimento asso-
ciativo reunia-se no "1º Encontro de
Associações Culturais e de Apoio aos
Organismos de Base" tendo tido como
porta-voz o "Viva" de que saíram dois
nímeros. O movimento que assim
ganhava expressão corria paralelo à vida
da "Intervenção", ao longo de toda a **pri-
meira fase** desta, ou seja, dos seus nove
primeiros números.

Em Dezembro de 78 realizava-se o "2º Encontro de Animadores e Associações
Culturais". Aí se aprovou que "a revista de
animação sócio-cultural "Intervenção"
seja considerada órgão de reflexão e de
divulgação das experiências das Asso-
ciações Culturais, Organismos Populares
de Base e Animadores Culturais" (n.º 10, p.
47). Marcantes são os editoriais n.º 10 e
11. Neles se definem "as grandes linhas
de orientação" por que se pauta a "Inter-
venção": 1. divulgar as experiências de
acção cultural de base; 2. fomentar a
união entre a teoria e a prática; 3. alargar
a base social de apoio" (editorial do n.
11). Com este rumo saíram sete números
à procura do movimento associativo. Com
a primeira série terminava a **segunda fase** da vida da "Intervenção".

E seguiram-se sete meses de inter-
regno (Novembro de 80 a Dezembro de
82). Era a constatação da evidente
mudança na conjuntura social, cultural e
política do país e do desaparecimento da
dinâmica dos Encontros. A segunda serie
que se relançou caracterizou-se pela pro-
cura de rumos inovadores para a aborda-
gem dos problemas da animação
sócio-cultural e pelo ensaio de um outro
discurso e de uma outra imagem gráfica.
Os seus oito números ficaram a constituir
a **terceira fase** da história da revista.

"Que cuidados, senhor, se interpõem
entre os vossos olhos e o sonho?", per-
guntava Julieta a Romeu. E esta pode ser
uma outra maneira de contar o tempo de
uma revista: do que foi sendo e do que foi
projectando ser, dos obstáculos interpos-
tos de perneio, também.



Vinte e quatro números teve esta revista

E podemos então começar assim. vinte e quatro números teve esta revista entre Fevereiro de 77 e Janeiro de 83. Em todos foi dito e procurado um objectivo claro: o de a revista vir a ser um espaço de divulgação e problematização de acções, experiências e técnicas nos mais vastos sectores. Mas uma história também se faz daquilo que permaneceu nas suas margens. Assim e para que conste aqui fica dito que houve mesmo quem sugerisse, num ou outro artigo, que a revista viesse a ser um espaço de reflexão sobre os objectivos culturais dos projectos de desenvolvimento, de regionalização e democratização existentes na sociedade portuguesa e que também se tornasse — propunham outros — num espaço de reflexão sobre os objectivos culturais do nosso entendimento com o mundo, nas suas duas vias principais: o da emigração para os países europeus e o da cooperação com as ex-colónias.

Foi chegando a gente vária

Com aquela trave-mestra como objectivo a revista foi chegando a gente vária: gente de grupos desportivos e de associações culturais, de bandas e de grupos etnográficos, de centros para a infância e a terceira idade, de escolas e de autarquias, de animadores e de trabalhadores em geral de cooperativas e de sindicatos, quadros técnicos com trabalho a exigir a participação das populações, e finalmente gente intelectual e artista empenhada numa intervenção sócio-cultural e num projecto cultural em Portugal.

Os "cuidados" de que Julieta falava são também os obstáculos de que uma história se constrói. De sua natureza não foram tocados pela beleza mas devem ser ditos com coragem se os queremos superar agora. Cuidemos daquele a cuja identificação mais relevo importa dar e digamos que consistiu na difícil inserção da revista no seio das práticas sociais de modo a reflectir os conflitos sócio-culturais que atravessam a sociedade portuguesa.

O projecto que agora se lança tem uma vocação: vencer obstáculos e renovar o desafio do "2º Encontro": uma revista à procura do movimento que a fez sua. Porque uma coisa parece certa: como em certos mitos antigos, esta revista persiste, de vez em quando, em renovar-se pelo Ano Novo (Fevereiro de 77, Fevereiro de 79, Janeiro de 82 e Janeiro de 84).

2 PERSPECTIVAS DE RELANÇAMENTO DA REVISTA

Passados sete anos de existência, reuniram-se as condições para a "Intervenção" tomar decisões fundamentais: continuar ou não a publicar-se, continuar ou não a actuar no espaço cultural em que se tem situado, que e como ser ou fazer.

Ninguém ignora que opções deste tipo são complexas e difíceis já que, para além de terem que contar com recursos materiais e humanos, requerem uma avaliação lúcida das questões sociais e culturais portuguesas.

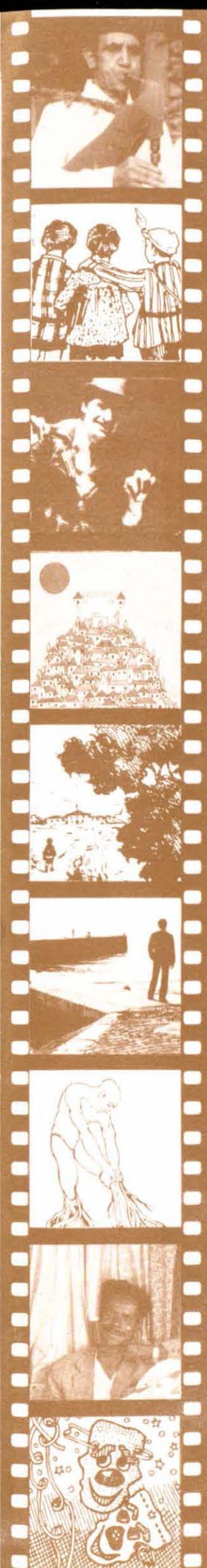
Pela experiência vivida, verificamos que o percurso político do país desde o vinte e cinco de Abril se tem reflectido no comportamento das camadas intelectuais e militantes: os poderes políticos não têm sido capazes de institucionalizar condições para uma prática cultural inovadora e acessível a todos; pelo contrário, salvo algumas exceções, a administração das questões sociais / culturais tem vivido entre a rotina burocrática e os jogos de poder, relegada muitas vezes para a secção de supérfluos, dando a entender que a crise económica é crise de ideias e inépcia de acção. Este facto, juntamente com outros decorrentes da dinâmica social, concorreu para que as práticas culturais em que em 74 "explodiram" em Portugal tenham vindo progressivamente a ressantar-se, umas, mais estreitadas com ortodoxias ideológicas, tenderam a encurtar o seu raio de acção ou mesmo a esgotar-se na incapacidade de encontrar perspectivas mais abertas, outras, saíram da sua crise de projecto pela porta sedutora da moda — revivalista, nostálgica, comercial, despolitizada; outras ainda continuam a considerar que as necessidades sociais se manifestam em valores culturais e contraculturais libertadores de potencial de expressões criativas e são essas expressões criativas que se vão transformar em força política.

É esta última convicção, crença e desejo que nos leva a considerar que a "Intervenção" pode e deve continuar a existir utilizando, como revista, a palavra e a imagem para narrar e reflectir sobre o que de inovador vai acontecendo, criando espaço de ideias, projectos e acções culturais, dando a oportunidade de expressão a todos os grupos, associações e pessoas cuja intervenção não tem geralmente eco nos grandes órgãos de comunicação social.

A "Intervenção" é um meio de intervenção

Um projecto deste não se pode evidentemente limitar-se à acção de um pequeno grupo responsável pela orgânicamente interna da revista, que gera os seus bens, escreve e se encarrega de a fazer publicar. Uma coisa há que ter como certa: a "Intervenção" é um meio de intervenção não só na sua própria vida interna, mas em todo um conjunto de iniciativas fora do texto escrito: colóquios, debates, divulgação e participação em novas práticas culturais e sociais.

Assim, esperando que a expectativa de validade deste trabalho se materialize, vamos iniciar a terceira série da revista com uma nova estrutura organizativa que entendemos adequada ao nosso projecto: o lançamento do primeiro número correspondente à nova fase far-se-á em simula-



3

COMO ERGUER A ASSOCIAÇÃO/COOPERATIVA?

tâneo com o lançamento público da Associação/Cooperativa Cultural, que irá organizar globalmente grupos e pessoas, tendo a revista como órgão de divulgação e a sua sigla como **projeto sempre a repensar**.

O problema dos estatutos

Em primeiro lugar o problema dos estatutos. Têm de ser tomadas, neste campo, duas decisões de fundo:

- Vamos formar uma Associação ou uma Cooperativa? A decisão sobre este assunto não é apenas formal. Não se trata de escolher entre duas espécies diferentes de pessoas jurídicas. Na verdade, ela implica, desde logo, saber-se em que termos e como que disponibilidade contam os actuais ou futuros colaboradores para se dedicarem à revista. Haverá quem pretenda ou queira fazer dela o seu projeto de vida? Haverá, por outro lado, possibilidade de transformar a revista, de "amadora" que é, numa estrutura profissional? Haverá condições de, a partida, se mobilizarem pessoas e capitais, apoiados por um número de interessados que garantam, profissionalmente a produção da publicação? Ou, pelo contrário, considerando os meios humanos que temos, a disponibilidade de cada um de nós, não teremos de concluir que a publicação da revista terá, tanto quanto se possa prever, de continuar a basear-se no conjunto de alguns de nós que, para além da respetiva actividade profissional, a ela continuará a dar algum do seu tempo?

- Vamos abrir a Associação/Cooperativa apenas a sócios individuais ou considerar a existência de sócios colectivos? Em princípio a segunda opção fortalece a Associação/Cooperativa na medida em que permite a participação das associações culturais de base, enquanto tais, e encaminha-nos para uma Associação de algum modo coordenadora dos esforços dos grupos de animadores. Os problemas que esta opção coloca são substancialmente os da forma de participação dos sócios colectivos — no que respeita à eleição e integração dos órgãos dirigentes, a colaboração nas actividades, às quotizações. Os Estatutos propostos procuram resolver esses problemas.

Plano de actividades

Em segundo lugar o plano de actividades a curto prazo. Comporta dois aspec-

tos: o lançamento da terceira série da "Intervenção"; as actividades não editoriais da Associação.

- O relançamento da "Intervenção" implica a passagem da propriedade da revista para a Associação/Cooperativa, a designação por esta do director, a constituição do corpo redactorial, a elaboração de um plano financeiro, o planeamento editorial. Contudo, sob pena de cairmos no vazio, é necessário ir trabalhando as questões mais prementes. Entre elas salientamos:

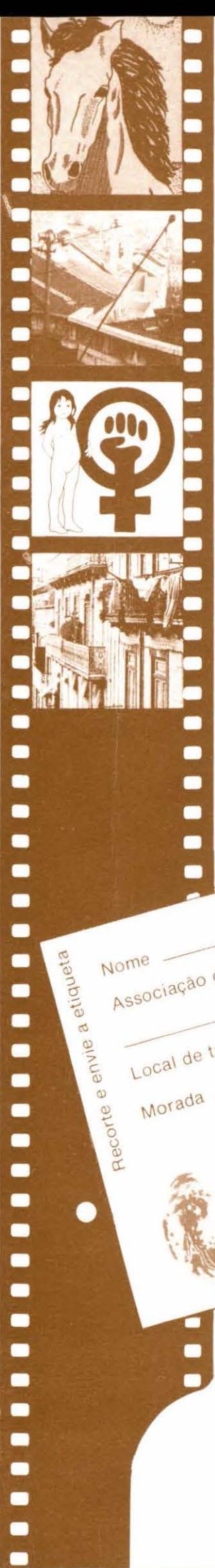
- As linhas gerais do conteúdo da revista, a primeira série consagrou um equilíbrio entre **informação** (sobre acções de animação sócio-cultural), a **opinião / teorização** e o **apoio técnico**. Este sobretudo através dos **destacáveis**. Apoio técnico que, por razões várias, a segunda série não pôde prosseguir. Parece essencial recuperar aquele equilíbrio.

- A política de custos: é necessário repensar quer o arranjo gráfico, quer a qualidade do papel, quer as decisões quanto a tipografias, a questão da publicidade — que tipo de publicidade vamos aceitar? Quanto à distribuição, trata-se de saber em que condições se pode recuperar a venda militante e tirar o máximo de proveito da distribuição comercial; finalmente o secretariado tem de ser reorganizado.

- A periodicidade da revista: a bimestralidade não foi cumprida, vamos recuperá-la? Têm havido algumas propostas alternativas, das quais a mais referida tem sido a da saída três vezes por ano. De qualquer modo, interessa relacionar a questão da periodicidade com as disponibilidades financeiras e humanas da revista, e ter em conta que uma revista que não sai regularmente, em datas fixas, não se vende;

- A constituição da redacção e da direcção da revista: o director deve estar ligado de perto às práticas de animação socio-cultural. A redacção tem naturalmente de ficar centralizada, possivelmente em Lisboa, mas o papel das delegações locais, parece ser essencial na vitalização da revista e da Associação/Cooperativa — uma das hipóteses que vale a pena estudar será a de uma certa rotatividade entre os vários núcleos (Lisboa, Porto, Leiria, outros a criar) na coordenação dos números.

- Parece haver consenso quanto as actividades da Associação/Cooperativa não directamente relacionadas com a publicação da "Intervenção". Os Estatutos consagram-nas, criação de um centro de documentação, organização de uma biblioteca, promoção de colóquios, debates, exposições, lançamento de cursos e seminários. Ora, como se vão articular estas actividades com a edição da revista? Quem serão os responsáveis pelas várias acções propostas? Qual a regularidade delas?



A todas estas questões se torna necessário responder num prazo relativamente curto. Por isso convocamos todos os animadores e associações interessadas para a reunião geral do próximo dia 10 de Março que terá a seguinte **ordem de trabalhos** e em local a designar.

- 1 Decidir da constituição da Cooperativa Associação
- 2 Discutir e aprovar os Estatutos
- 3 Eleger a Comissão Instaladora (C.I) da Associação/Cooperativa
- 4 Plano de actividades da C.I

Os coordenadores
Henrique Tomás de Araújo
(do grupo de relançamento)
Rodolfo Proença de Jesus
(do grupo de gestão)

Nota importante: Se estás interessado (a) em participar nesta reunião e no projecto aqui lançado, receberás os projectos de Estatutos com a devida antecedência. Para isso preenche e envia o cupão até 25 de Fevereiro.

Proprietário:

Luis Martins

Director Interino:

Luis Martins

Coordenadores:

Henrique Gomes de Araújo
Rodolfo Proença de Jesus

Grupo de relançamento do projecto:

Augusto Santos Silva
Câmilo Pinto da Rocha
Filomena Viegas
José Ferreira
Luis Martins
Margarida Coelho
Miguel Horta
Órlindo Garcia
Teresa Sa

Grupo de Gestão:

Rodolfo Proença de Jesus
Sofia Torrado
António Maduro
José do Nascimento
Jorge Morgado
Pedro Mourão

Arranjo Gráfico:

Miguel Horta



Recorte e envie a etiqueta

Nome _____

Associação ou local de intervenção _____

Local de trabalho _____

Morada _____

Telef.: _____

INTERVENÇÃO

APARTADO 2114
1127 LISBOA CODEX

AS NOSSAS MEMÓRIAS

Revista mensal de édito da portuguesa
A. Andrade

CHANCIORREIRO MUSICAL

Ao Deus-Menino (*)



Anha Boot

"Ao escurecer a noite da véspera do Anho Bom, começam a aparecer pelas ruas da vila diversos grupos de crianças e pessoas adultas, que se distribuem pelas portas das casas pertencentes às pessoas mais abastadas e aí se põem a cantar o Deus Menino e a pedir esmola, em seu louvor. As cantigas, numâ-tonadilha que varia de terra para terra, são acompanhadas principalmente pelo sopro d'uma panjela de alcátruz, cuja boca é tapada hermeticamente com uma pele de coelho bem esticada e ligada por um círculo ou corda de linho ao gargalo da pele ou alcátruz. No centro da pele abre-se um buraco por onde se introduz uma caneta cuja parte superior é segura pela mão do músico, que faz descer a outra extremidade ao fundo do alcátruz, produzindo uma sítioção de encontro à pele, donde resulta o sôlo ronco deste instrumento, logo que o tocador faz descer e subir a canna".

Há grande variedade de cantigas como em tempo mostrarei, seguidas das chamadas chacetas, elogiosas ou não, conforme os cantores receberam ou não a respectiva esmola.

Uma amostra das chacetas elogiosas:

Viva a dona desta casa,

Ramimbo de salsa branca,

O seu corpo é de neve,

Gomó a alma dumâ santa.

Um exemplo da chacota não elogiosa:

Esta casa cheira a breu,

Aquel mora alguém judeu,

Esta casa cheira a urto,

Aquel mora algum defunto.

Verrão as esmolas oferecidas aos cantores,umas vezes dão-lhes frutos, filhotes, outras pão, algumas dinheiro. As esmolas em dinheiro são quasi sempre as melhores recebidas.

E costumam estrear-se neste dia um fato novo; tem-se a certeza de que durante o anno se há de estrear outros bônitos. E é por isso que por este época os alfaiates tecem sempre muita que fázer.

Neste dia de Anho Bom é o presépio ornado como na noite de Natal substituído; se as flores murchas por outras frescas.